

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MÉMOIAS DE EDUCAÇÃO QUE ECOAM NO FAZER DOCENTE:  
UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE PROFESSORAS**

Porto Alegre

2013

Maiara Michele Carvalho Correa

**MÉMOIAS DE EDUCAÇÃO QUE ECOAM NO FAZER DOCENTE:**

Um estudo sobre narrativas de professoras

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> .Dr<sup>a</sup> . Doris Bittencourt Almeida

Porto Alegre

1º semestre

2013

Olhos verdes  
Mas se estava bravo era um pouco escuro  
Risonho e muito brincalhão  
Lindo de coração, simples, feliz e sincero  
Querido ou nada acolhedor  
Falante e poético  
Era rígido e muito amigo  
Hoje uma estrela, um sentimento bom no coração  
daqueles que o conheceram  
Esse era meu PAI...

A escrita desse trabalho é dedicada ao meu querido pai...

Agradecimentos...

A minha mãe que me cobrava 10 e não aceitava menos, a ela que me levava de mão dada até a porta da escola, a ela que no período que vivemos na Argentina passava um guarda pó branco que tecem muitas memórias de minha escolarização e por muitas vezes não a compreendi. Hoje escrevo um trabalho de conclusão e almejo uma carreira graças a disciplina que ela me proporcionou e inspiração.

A professora Dra. Dóris Bittencourt Almeida que me incentivou e sem sua acolhida enquanto fiquei sem “orientação” esse trabalho não seria possível.

A minha amiga Andreia por me apoiar por tantas vezes na escrita durante mais da metade da graduação.

Ao PIBID, pois sem ele essa temática teria passado despercebida na minha trajetória acadêmica.

A Instituição e seus professores pela bela formação acadêmica.

Ao meu querido e paciente amigo, companheiro e esposo Leandro, pois sem suas sabias palavras de experiência da vida, seus sorrisos e incentivos essa graduação não seria concluída.

## RESUMO

Durante a graduação, percebi a importância de refletir acerca da formação docente. Assim, a pesquisa iniciou com a indagação: memórias discentes ecoam no fazer docente? A pergunta instigou-me a ouvir narrativas de memórias de professoras, articulando o questionamento às suas trajetórias. O estudo se insere no campo de pesquisas da História da Educação, elege a memória como documento e a história oral é o método que permitiu a produção das narrativas. Para desenvolver as entrevistas, utilizaram-se evocadores de memórias e produziram-se roteiros semiestruturados, com questões elaboradas a partir das intenções da investigação. Durante os encontros com as docentes, abordaram-se temas que contemplavam a sua formação, as experiências no magistério e as lembranças da infância vivida fora e dentro da escola. Para promover diálogos entre empiria e teoria, buscaram-se leituras que tematizassem sobre formação docente, memória e história oral, destacando-se estudos de Errante, Zago, Almeida, Bosi, Pollak, Fischer, Huberman e Nóvoa. Ao analisar as falas das professoras, constatei que foram muito além da questão inicial da pesquisa, ou seja, é possível inferir que, no exercício da docência, essas mulheres são interpeladas por muitos atravessamentos, entre eles memórias da infância. Portanto, as entrevistas evidenciaram a potencialidade das memórias como fontes que permitem um maior conhecimento da História da Educação.

**Palavra chave:** história oral. memórias de professores. formação docente.

## SUMÁRIO

<b>1 CENAS DO MEU FILME EM BRANCO E PRETO, QUE O VENTO LEVOU E O TEMPO TRAZ...</b>	<b>6</b>
<b>2 UM POUCO DE MIM: CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ O TCC.....</b>	<b>9</b>
<b>3 PERSONAGENS DO MEU LIVRO DE MEMÓRIAS...</b>	<b>13</b>
<b>4 TESSITURA METODOLÓGICA .....</b>	<b>20</b>
4.1 NO INÍCIO... ..	20
4.2 DAS ENTREVISTAS.....	21
4.3 DEVOLUÇÃO POR E-MAIL E AUTORIZAÇÃO DO TEXTO .....	26
<b>5 O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DE MEMÓRIA DESSAS PROFESSORAS.....</b>	<b>27</b>
5.1 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS .....	29
5.1.1 A escolha pela docência .....	29
5.1.2 Lembranças De Infância.....	31
5.1.3 A Escola do teu passado: .....	34
<b>6 LEVO A CERTEZA , DE QUE MUITO POUCO SEI... ..</b>	<b>39</b>
<b>7 REFERENCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>41</b>
ANEXO 1 .....	41
ANEXO 2 .....	41
ANEXO 3 .....	42

## 1 CENAS DO MEU FILME EM BRANCO E PRETO, QUE O VENTO LEVOU E O TEMPO TRAZ...<sup>1</sup>

Através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência. (BOSI, 1994)

Ecléa Bosi destaca o que senti ao reproduzir uma cena durante o estágio docente, na sétima etapa da Pedagogia, cursada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Esta cena provocou o despertar de muitas lembranças, interagindo no presente e passado.

Alguns momentos vividos no estágio compõem minha primeira reflexão de pesquisa. Concluída aquela etapa, agora meu desejo é adensar a reflexão sobre essas cenas vividas enquanto professora, pois esses momentos remeteram à minha escolarização.

Revisitei minha primeira vivência como docente, em especial momentos em que a cabeça *fervia* de ideias, algumas alunas me desafiavam constantemente, tentavam mostrar minha inexperiência, *construindo um muro*, ou seja, algo como uma barreira que, de certa forma, me deixava afastada de uma parte da turma. E minhas expectativas iam esvaziando-se, entre as mãos escoava o planejamento que havia preparado. Isso tudo me fez agir de forma impulsiva e discursar sobre o que os alunos deveriam fazer e não fazer. É como se eu usasse a metáfora da educação bancária de Paulo Freire, onde o professor detém o conhecimento e o aluno apenas absorvesse em uma relação vertical. É como se abrisse uma gaveta e depositasse o conhecimento do que deveria ou não ser feito na sala de aula.

Nos momentos de aflição, evoquei sentimentos e cenas de minhas memórias que naqueles instantes das aulas não foram de imediato percebidas por mim. Em situações de conflitos, tive condutas com os alunos, as quais não foram previstas com a orientadora de estágio. Hoje, avaliando aqueles momentos, percebo que não refleti, não busquei os autores que me fundamentaram durante a graduação, apenas agi apoiada em *ferramentas próprias* como se fossem ecos de minhas memórias de educação<sup>2</sup>. Fui interpelada por vozes que

---

<sup>1</sup> Título extraído da música de Lennon e McCartney.

<sup>2</sup> Ao usar a expressão memórias de educação, não estou me referindo somente as memórias de escolarização e sim, entendendo que a educação é um processo muito mais amplo que não se restringe à escola, se desenvolve em espaços como família, comunidade, entre outros.

ecoaram em minhas memórias, ações de professores, avós, mãe, pai, entre outros que marcaram os modos como fui educada.

Nesse sentido, Cintra e Albano (2010) explicam que ao estabelecer processos de rememoração de nossas histórias de vida fazemos uma releitura do passado e uma reconstrução (p. 107). Essa reconstrução e processo em nossas histórias são possíveis, pois, segundo Pollak (2000), a memória tem pontos ou fatos “invariantes, imutáveis, como se houvessem pontos tão importantes ou marcantes que fossem irredutíveis”.

Bondia (2002) tem uma ideia muito difundida entre educadores, em que expressa seu pensamento, afirma que “experiência é algo que nos toca, algo que nos marca, algo que passa” (p.21). Ao longo do ensino regular, construímos imagens de professores com os quais nos identificamos ou não. Durante a infância, nos deparamos com familiares indicando o que devemos e o que não devemos o que fazer. Mas, no momento em que a professora discursa seu fazer pedagógico, um pai sinaliza o que seu filho deve seguir, não são falas em vão. Essas falas são atitudes imperativas e ligadas a sentimentos de impotência e de efetivar suas primeiras ideias, falam o que explicitam o que um pai espera do filho, é o apelo e a forma de tentar despertar o aprendiz. É a única forma que se encontra de expressar aquilo que o outro não se da conta. Por isso, por mais que eu não fosse a favor de discursar o que se deve ou não fazer em sala é um fato/acontecimento que marcou, passou pela minha experiência. Para Pollak (2000) há construções em nossas histórias de vida que são elementos irredutíveis, em que o trabalho das memórias se solidificam.

Penso que é nesse fazer e refletir constante que conseguimos entender muitas de nossas escolhas metodológicas em aula. Tenho consciência das ações que tive naqueles momentos de repreender a turma talvez não tenham sido as mais adequadas diante de tudo que aprendi no Curso de Pedagogia. Parafraseando Antonio Nóvoa (1992), os professores são pessoas, ou seja, não somos formados apenas por livros e instituições, somos parte de um todo que nos constitui. Nossas identidades são formadas por uma série de discursos que nos constituem como sujeitos. Isso caracteriza a memória individual e coletiva, pois não somos formados apenas pelo que vivemos, pelo que presenciamos, somos formados por discursos, por histórias que nos contam e nessas experiências. É o que Errante (2000) chama de memória vicária, segundo a autora é, “quando as memórias de outros se tornam uma parte da realidade para aqueles que ouvem as memórias, mas não tinham experienciado os eventos aos quais as memórias se referem” (p. 165). Não é incomum ouvir alguém ao narrar seus primeiros anos de vida e dizer “minha mãe conta que ...” ou então dizer “quando tinha um ano de vida eu...”. Como sabemos que isso realmente ocorreu? Como aquela experiência pode passar por nós? É



porque temos uma narrativa que de tanto ouvir e vivenciá-la acabamos nos apropriando, é como Pollak (2000) chama de acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, memórias que as pessoas nem sempre participaram, memórias que contaram através de narrativas das outras pessoas, mas essas memórias tomam uma dimensão ao ponto de serem interiorizadas e se sentem pertencerem.

Assim, nesta investigação, pretendo refletir sobre o quanto o fazer docente, em alguma medida, reproduz memórias vicárias. Será que na docência reproduzimos memórias que nos apropriamos, narrativas que presenciamos? Em que medida em nosso fazer docente somos interpelados por memórias quase “irredutíveis e solidificadas”, ou seja, memórias que representam fatos tão importantes que não conseguem ser mudados (POLLAK, 2000, p. 2)? Foi a inexperiência que evocou esses questionamentos ou o fazer docente tem muito a contar sobre memórias irredutíveis, imutáveis e flutuantes?

## 2 UM POUCO DE MIM: CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ O TCC

Essas marcas das memórias de educação que nesta escrita proponho uma abordagem não seriam notadas, nem ao menos compreendidas, se eu não tivesse participado de um grupo que atuava em escolas públicas e depois refletia sua atuação. O fato de ser bolsista do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID/ Pedagogia), me fez pensar sobre muitas das ações cotidianas que são naturalizadas na escola e em nossas trajetórias pessoais .

Antes de chegar ao PIBID, participei de uma seleção de monitoria nas disciplinas de História da Educação do Curso de Pedagogia. Naquela oportunidade, encontrei a professora Maria Aparecida Bergamaschi que disse a seguinte frase “você tem a cara do PIBID”. Entretanto, o PIBID não iniciou logo em seguida, diante disso, participei de outra seleção, e fui aprovada, essa era também uma monitoria acadêmica voltada à área de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Havia dois professores que nos deram a livre escolha e assim, optei por trabalhar com o professor Raimundo Helvécio Almeida Aguiar. A escolha não foi aleatória, ela tinha o objetivo de trabalhar com a história da EJA no Brasil, que é o campo de estudos do professor Helvecio. Minhas afinidades com essa área de ensino carregavam escolhas políticas, muito embora isso não fosse claro para mim. Mas essas escolhas traçaram uma trajetória junto às disciplinas e temáticas da história em diferentes áreas da educação. E foi esse gosto que constituiu um fazer docente mais voltado para as questões sociais dos indivíduos que estão em sala de aula e estão na escola.

Um semestre se passou e vi um cartaz do PIBID, minha ideia inicial é que trabalharia em escolas e universidade ao mesmo tempo, por isso me interessei e ingressei no Programa como bolsista, ao chegar lá, me deparei com a temática indígena e com os estudos da memória. No início, isso parecia muito distante, vago e estranho, mas mal sabia que minha constituição de sujeito havia passado sempre pelo caminho no qual não me identificava *os grandes homens da história e os ditos heróis*.

Participei como bolsista desse Programa entre 2010/2012, época em que foi coordenado por duas historiadoras<sup>3</sup> que elegeram a memória como um tema que transversalizou as práticas desenvolvidas no PIBID. O projeto foi tão intenso e cuidadoso que, ao estudar a temática da memória, não o fez de forma ampla e genérica, cuidou que fizéssemos um recorte procurando estudar memórias autobiográficas e perceber a importância da história dos homens e mulheres comuns. O objetivo era mostrar histórias diversas de

---

<sup>3</sup> Professoras Dóris Bittencourt Almeida e Maria Aparecida Bergamaschi, responsáveis pelas disciplinas História da Educação no Curso de Pedagogia e demais licenciaturas.

alunas da Pedagogia que percorriam outros caminhos percorridos que não os de universitários com vida econômica estável e sim, estudantes oriundas de camadas populares. E mesmo que nem todos viessem do mesmo lugar, os memoriais mostraram formação pública de qualidade possível em nossa sociedade.

Por vislumbrar a memória como um tema transversal, projeto direcionou-se ao estudo dos povos originários e de nossas ancestralidades, por isso as temáticas indígena e afrodescentes nos acompanharam durante o tempo que estive envolvida com o projeto. Realizamos oficinas de capoeira, pois uma das integrantes já trilhava quinze anos de experiência nesta área. Visitamos terras indígenas que contemplam nossos povos aqui no Rio Grande do Sul, os Guarani e os Kaingang. Lemos textos de intelectuais indígenas, valorizando as vozes dos próprios integrantes da cultura, brincamos com crianças das aldeias visitadas. As crianças para os indígenas são uma riqueza tão grande como o respeito aos mais velhos. Enfim, mergulhamos na temática esperando compreender o que é memória para esses povos que resistem e lutam pelo respeito de sua cultura oral.

A atuação no PIBID foi um dos aspectos que influenciou muito na escolha da temática memória. Mas foi preciso passar pelo estágio docente, ter muitos momentos de frustrações, impotências e alegrias inesperadas para me dar conta que memória faz parte minha constituição docente e em tantas outras identidades que tenho. O PIBID me inspirou, as lembranças e destaque ao Programa são necessários, no entanto as outras experiências dialogam com o trabalho que hoje representa a conclusão da graduação. Pollak (2000) diz que “a prática de identidade na história oral, manifesta-se em recordar e contar, são eventos em si mesmos, não somente descrições de eventos”. Através disso, entendo que uma série de experiências estarão aqui presentes e com a contribuição do autor penso que ao contar nos apropriamos, revivemos e ressignificamos. Memória não é simplesmente recordar, memória é silenciamento, esquecimento também. Segundo Almeida e Bergamaschi (2012)

A Memória, entre lembranças e esquecimentos, é o ‘fio’ que localiza a existência individual e coletiva no labirinto do tempo, que faz o elo entre gerações que dá sentido à ancestralidade e aos pertencimentos de cada pessoa e de cada grupo no seu tempo e espaço. (p. 8)

Depois de mais ou menos um semestre de trabalho no PIBID, iniciamos a escrita de um memorial, esse trabalho depois se tornou meu primeiro capítulo em um livro publicado intitulado “Iniciação à Docência em Pedagogia: Memórias que contam histórias”. Não é fácil enfrentar sua história, falar de experiências negativas em etapas da vida, não é fácil escrever um memorial. E para escrevê-lo estudamos muito, lemos textos, histórias como a do menino “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, a história de “Tcelina”, excertos de livros

autobiográficos como “As pequenas memórias” de José Saramago, o “Alfabeto” de Frei Betto, livros do Programa “Conexões” escrito por outros estudantes que também haviam dividido sua trajetória, o texto “avô Apolinário” de Daniel Munduruku e também ouvimos músicas como a de Lennon e McCartney, entre outros evocadores que nos permitiram uma grande imersão para entender o que é memória. Todos esses caminhos nos levaram a saborear gostos que já havíamos sentido por vez amargos, ora azedos e em outros momentos bem docinhos. Lembrar de momentos que queríamos esquecer, reviver histórias de quem não está mais aqui e até enfrentar aqueles que ainda estão conosco, mas nem sabiam ao menos o que poderíamos estar sentindo. Foi uma experiência única, desafiadora e enriquecedora. Assim, descobri os motivos políticos de escolher a docência, o por que exatamente no meio de mais ou menos cinquenta cursos na UFRGS escolhi a Pedagogia e por incrível que pareça não é simples entender porque você o escolheu a docência como seu caminho profissional.

Inicialmente, meu assunto de interesse para o trabalho de conclusão era a memória atrelada à temática indígena. Tinha por objetivo investigar como os indígenas M'byas guaranis entendem e adequam a memória. Isso pensando em uma cultura baseada na história oral. Após essas primeiras ideias, surgiu a impossibilidade de trabalhar com a orientadora que pretendia a Professora Maria Aparecida Bergamaschi. Apesar da impossibilidade não desisti. Persisti em pesquisar o tema e contatei um professor do Curso de Antropologia –UFRGS, o Professor José Otávio Catafesto de Souza que despertou meu interesse em uma palestra sobre cosmologia M'bya Guarani. Para minha surpresa, fui acolhida, no entanto, nosso curso não permite essas trocas de orientador e orientando entre cursos. Mais uma vez minha escolha foi impossibilitada.

A essa altura, pensava que se não fosse a temática indígena não poderia nada mais, nem ao menos me passou pela cabeça pesquisar memórias docentes, pois não era meu interesse inicial. Estava tão condicionada a uma ideia, que nem ao menos recordei que antes de iniciar o estágio havia cogitado realizar um projeto sobre memórias discentes e docentes na sala de aula. E como esqueci minhas primeiras tentativas, pautei minha busca em um tema diferente, pensei explorar produções do estágio de docência, pensei em fazer outras coisas que não se relacionavam a memória, mas na verdade não era o que queria. Realizar um trabalho de conclusão só para terminar a graduação, sem maiores envolvimento, me parecia muito frustrante.

Penso que nossos tropeços nos levam ao caminho que devemos ir. Isso é um dito popular? Talvez sim, no entanto retornei a uma pergunta que me fiz enquanto disciplinava a turma para realizar atividades *por que fiz um discurso aos alunos, da mesma forma que minha*

*professora de História realizava? Ou que minha mãe em casa repetia? . Por que realizei atividades que deram certo na minha escolarização, mas como pedagoga não concordava com esses métodos?*. Foram essas perguntas que me fiz durante a prática do estágio e, de certa maneira, essas indagações estavam adormecidas durante a procura do que pesquisar. Talvez não seja uma experiência que queira enfrentar, pois ao falar das memórias revivemos momentos, encaramos nossos medos e amadurecemos à força, mas também compreendemos nossos desafios, os enfrentamos e os ressignificamos. Foi então que ao trocar e-mails com a professora Dóris, ela fez a seguinte pergunta “por que não pesquisas sobre memórias docentes?”, pois ela se lembrava de minhas indagações quando voltava de uma aula dada no estágio, recordava de minhas experiências de escolarização que tanto partilhamos e eu as queria esquecer. Percebi que nessa acolhida e chamamento simultâneos tinha em minhas mãos uma intenção de pesquisa que talvez não fosse *tão banal assim*. Percebia que minha questão não era mera inexperiência, podia ser valorizada como possibilidade de pesquisa.

Ressignificar memórias de professoras, por ora não me parece algo simples. Nossas práticas talvez sejam o que há de mais rico na profissão, a possibilidade de refletir sobre nossas ações é que podem proporcionar encantamentos e produzir conhecimento. Pois, como disse antes, minha identificação sempre foi em busca daquilo que não me representava *os grandes homens da história e os ditos heróis*. Está na hora de valorizar o homem e a mulher comum.

### 3 PERSONAGENS DO MEU LIVRO DE MEMÓRIAS...<sup>4</sup>

O título deste capítulo anuncia que nesta etapa do estudo procuro compor a revisão bibliográfica, assim, dialogo com autores que inspiraram essa escrita. Também representa a convicção de que escolhi a memória como temática do trabalho de conclusão, porque é fruto de minha trajetória no Curso de Pedagogia. Embora esses anos de aprendizado, especialmente os estudos desenvolvidos no PIBID, sejam significativos, ao desenvolver essa pesquisa faço descobertas, presencio surpresas nesse campo de estudos que me ajudam a encaminhar a tessitura desse trabalho. É importante destacar que realizei leituras sobre memória, história oral e história da formação docente, pois a intenção dessa pesquisa é articular esses três temas para melhor compreender as narrativas de memórias das professoras entrevistadas. Para cada um dos três temas, escolhi autores que discutem com as minhas questões, partem de premissas que acredito e legitimam memória, história oral e os saberes docentes como únicos, importantes e fundantes para formação e aprimoramento docente.

Para analisar memórias de professoras, é fundamental discutir os significados de memória e discutir a metodologia é história oral. Nóvoa (1992) valoriza o significado de memória ao dizer que “é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo [...] percurso a uma grande variedade de enquadramentos conceituais e metodológicos” (p.18). Quanto à metodologia, é de suma importância destacar as entrevistas realizadas operacionalizaram os dados empíricos na perspectiva da história oral. Fischer (2009) concorda com a importância desta construção metodológica dizendo que “conhecer histórias de outras épocas, adentrar a vida de sujeitos que tiveram ricas experiências pedagógicas em outros tempos, exige sensibilidade e rigor teórico, antes de tudo” (p.67).

Então, neste trabalho, posso esclarecer que a abordagem de pesquisa é história oral temática, pois é caracterizada pela escuta de depoimentos em torno de um mesmo acontecimento onde sujeitos narram suas próprias histórias ao longo dos anos, nesse caso infância e formação docente (FISCHER,2009, p. 69).

Nesse sentido da história oral como metodologia, fiz a leitura de textos que tratavam do assunto para fundamentar minha escrita. Antoinette Errante (2000), Nadir Zago (2003),

---

<sup>4</sup> Título extraído da musica da cantora reta lee que compôs a metodologia e roteiro da 2ª entrevista com uma das entrevistadas.

Dóris Almeida (2007), Eclea Bosi (1994), Michael Pollak (1992) me mostraram muito além de técnicas de uma entrevista, de teorias, de como deve se comportar o pesquisador, sendo compreensivo, deixando a narrativa fluir como diálogo, aprendendo as indagações da pesquisa e não desconsiderando as falas dos narradores. Assim, descobri que, ao entrevistar pessoas, estar atento aos mínimos detalhes é muito importante, como aos olhares, gestos, pois olhar é relevante, manter um diálogo entre entrevistador e entrevistado, sentir como devemos perguntar o que nos propusemos na entrevista semiestruturada que não seja repetitivo, coerente e sutil o suficiente para capturar as respostas que almejamos. Importante explicitar que por entrevista semiestruturada, entendo aquela que tem um roteiro prévio de questões elaboradas a partir das intenções da pesquisa, ou seja, não se trata de uma entrevista totalmente espontânea, mas sim fundamentada em temas que conduziram a conversa. Por isso Bosi (1994) chama “estudo exploratório” pré-entrevista de essencial, pois extrair questões na linguagem usual do depoente suscita temas promissores, ou seja, temas que desencadeiam respostas e evocam assuntos pertinentes a pesquisa durante a narrativa (p. 60).

Para melhor compreender as questões próprias da formação docente, subsidiei meus estudos a partir de três autores, Beatriz Fischer (2009), Michaël Huberman (2000) e António Nóvoa (1995). Faço um destaque importante a Fischer (2009), pois articula memória e história oral às questões que interessam à formação docente. Explica que a história oral pode ser temática ou de vida, ou seja, pode ser um recorte temporal sobre o mesmo acontecimento ou a história de vida do próprio sujeito (2009, p. 69).

Nóvoa (1995) afirma que os professores já foram completamente “ignorados” (p.13), e entende que as narrativas docentes podem se constituir em fontes de pesquisa, sendo essa atitude política que legitima a voz daqueles que estão em atuação nas escolas, assim valorizando-os. E uma das afirmações que vão ao encontro daquilo que analiso neste estudo é a afirmação de Nóvoa (1995) ao questionar “por que fazemos o que fazemos na sala de aula? Obriga a evocar uma mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até, que foram consolidando (...) comportamentos com os quais nos identificamos como professores”. Penso nessas palavras como evocação de um sentimento que tive ao dar aula e confrontar com situações que já passei como aluna, ouvir discursos, rostos, expectativas, entre tantos sentimentos que vivemos num espaço educativo. E afinal “Por que fazemos o que fazemos na sala de aula?”. Não sei talvez seja teórico, talvez seja descoberta, talvez seja provisório, talvez nem saibamos agora, talvez o professor se torne mais experiente ao longo dos anos, “competente”, o que constitui uma análise “os melhores anos” da docência, ou talvez faça parte do perfil de professores (HUBERMANN, 2000, p. 36). A questão que entendemos aqui

não é buscar a verdade absoluta, e sim, pensar como Hubermann (2000) coloca “qualquer pessoa que se interesse, de longe ou de perto pelo ensino, não deixará de se apaixonar por estas questões.”

Ao trabalhar com o tema da memória, procurei os escritos de Antoniete Errante (2000), que não se debruça apenas na memória, pois como a autora mesmo diz, existe uma relação, uma dependência entre história oral e memória. Errante aponta conceitos-chaves para desenvolver esse trabalho e um, entre os que me chamam a atenção, é a tendência de legitimar a história oral como fonte de documentação. Para quem já estudou povos e culturas que se baseiam na história oral com *sua biblioteca*, sabe o quanto esse passo histórico é importante por legitimar narrativas antes não valorizadas. A própria pesquisa que a autora desenvolve é em Moçambique, antiga colônia portuguesa, país que tem suas memórias tecidas e atravessadas por pessoas que nem ao menos do seu povo eram. Ancorar-se em Errante é entender que o trabalho com um entrevistado não é meramente uma fala, pode ser que o narrador construa respostas abreviadas, pode ser que o papel do entrevistador na pesquisa precise ser entendido. Em algumas situações, eles vão precisar de sua confirmação, pois o gravador e a entrevista embora não seja nosso intuito, pode construir um inibidor de falas.

Quanto ao local de entrevista, deve-se chamar a atenção para aspectos importantes que Bosi (1994) salienta “na casa haverá interferência de familiares, o que pode enriquecer a entrevista, mas pode também prejudicá-la inibindo o narrador” (p. 60) . Embora essa particularidade não seja exclusiva à casa, devemos atentar para as interferências externas, pois, na análise, é importante que o pesquisador cite se isso contribuiu para a fluidez da narrativa ou a inibiu. Podemos também pensar que experiências de entrevistas anteriores podem condicionar a narrativa atual. No entanto, haverá uma relação entre entrevistador e entrevistado, um vínculo emocional, que pode mudar tudo, não é uma atitude que podemos condicionar, nem uma metodologia que devemos aplicar, mas a relação de respeito que o pesquisador deve ter influencia o entrevistado em sua fala. Contribuindo Errante ao dizer que:

Cada memória íntima, pessoalmente importante, que os narradores me ofereciam eles relevam sua humanidade. Isso estabelecia ressonância com minha própria humanidade. Eu parava de escutar o que eu podia extrair da narrativa e começava ouvir a pessoa toda (1994, p.153)

Trabalhar com memórias não é simplesmente pesquisar, é identificar-se com as narrativas, saber distanciar para poder ter um olhar crítico mesmo que a pessoa entrevistada tenha uma trajetória anterior à sua, saber e respeitar os jeitos de ser de cada informante, às vezes um pode falar mais do que outro, pois é sua forma de ser. Zago (2000) expõe que a “regra é respeitar princípios éticos e de objetividade na pesquisa, bem como garantir as



condições que favoreçam um melhor aproximação da realidade social estudada” (p.205). Ou seja, a construção da entrevista implica uma constituição a partir de uma interdependência, vislumbrando os diversos procedimentos associados, levando em conta a problematização inicial, estudando e percebendo a realidade em que nos envolvemos junto a análise dos dados. Fischer (2009) não se afasta deste discurso, pois afirma que “historia de vida tem sido uma alternativa metodológica adequada quando se intenta articular a dimensão individual, [...], aos fenômenos sociais mais amplos” (p.71). Mas, ao abordar esse aspecto teórico, a autora acrescenta três aspectos fundamentais da pesquisa deste gênero. Primeiro, todo conhecimento é sempre parcial, ou seja, como dizem alguns historiadores, é a perspectiva de um olhar possível. Dois, a realidade é uma construção, por mais que as histórias de homens e mulheres se assemelhem em alguns pontos e convergem em muitos aspectos, é a partir de uma construção social que o sujeito subjetivou e experiência de vida será narrada de sua perspectiva (FISCHER, 2009, p.71).

Portanto, a realidade narrada é uma das muitas possibilidades que podemos ouvir. Por isso, tão importante se afastar e analisar de forma mais ampla. Um exemplo que ilustra essa situação é se perguntamos a um velho o que a ditadura representa? Meu pai dizia que a ditadura era um sistema injusto e carrasco, isso vinha de um sujeito que havia passado por torturas. Já outros familiares contam que foi sua época mais gloriosa, onde tiveram sua ascensão econômica, aonde sua memória registra a compra da primeira geladeira. Se analisarmos em um contexto mais amplo, veremos que por mais que saibamos as questões políticas que estão implícitas, são memórias que contam verdades de suas perspectivas. E, por fim, em terceiro lugar, Fischer explica que a identidade é sempre um estado em processo. Este terceiro aspecto refere-se às mudanças que vão modificando nossos olhares, trajetórias que vamos percorrendo. Por isso, concordo quando Fischer (2009) diz que a “utilização de depoimentos tem como objetivo menos busca da verdade e muito mais identificação das condições de possibilidade para que determina narrativa possa emergir enquanto discurso” (p. 71). Pois se for levado em conta todos esses aspectos percebemos uma amplitude, um conhecimento bem mais profundo do que apenas um relato e, sim, uma percepção de representação da realidade em um contexto significativo da história.

Essa percepção mais ampla é reforçada por Almeida (2007) em sua tese, quando entrevista alunos e professores de uma escola na cidade de Osório e percebe que aquela comunidade rural está para além dessa visão. A autora diz que a comunidade é, parafraseando Schmidt e Mahdout (1993), é um lugar de “permanência do apego afetivo dá consistência às lembranças” (p.57). Ou seja, a identidade social daquela comunidade representa um processo

individual e grupal. Ao mesmo tempo que uma professora da comunidade narra sua trajetória, narra acontecimentos de sua região que esta situada em um tempo aonde outras perceberam, presenciaram a mesma cena, momento e situação. A autora afirma que essa comunidade tem histórias, memórias que se perpetuam ao longo de narrativas que os narradores sequer viveram. Vale trazer novamente a ideia de Pollak (2000) dos acontecimentos “vivididos por tabelas” (p. 2). Esses acontecimentos em contextos escolares não são raros. E como em comunidades menores essas instituições constituem autoridades, suas narrativas tem autorização social para serem perpetuadas. Almeida (2007) diz que “as instituições educativas, muitas vezes não traduzem as experiências vividas no contexto escolar” (p.63), a autora se refere a essas memórias, pois, ao realizar a análise de documentos, muitas informações apenas se encontram nas narrativas dos sujeitos. E é desse ponto que parte a relevância da história oral, perceber a subjetividade que o documento oral apresenta. Nesse aspecto, é o que a tese de minha orientadora me acrescenta, pois até então nossas escritas é que são válidas, o que está escrito é o que foi registrado e o que fica no âmbito da narrativa se descarta, desconsidera ou até mesmo se deprecia. Ou seja, só aquilo que temos no papel tem valor, as falas narrativas e documentos orais não são validados nem ao menos considerados possíveis em nossa sociedade. No entanto, Bosi (1994) reconhece a importância das narrativas, pois admira e legitima história oral como fonte de documentação afirmando que “sobre a evocação biográfica nos fará ver como numa tapeçaria, um mosaico de áreas mais ou menos densas” (p. 62).

Além dessas descobertas e questões relevantes que encontrei nos autores, entendo que os teóricos apropriam a relação de memória e a história oral no campo de História da Educação e essa reflexão seja importante de ser destacada. Essa diferenciação é necessária, pois em alguns momentos são confundidas durante a pesquisa, nem todos os autores trazem as mesmas percepções, nem todos os teóricos relacionam da mesma forma. Por isso, é importante registrar que memória é o documento, é a empiria. Já a história oral é a ferramenta, instrumento, é o método que constrói a pesquisa em um trabalho que essa temática perpassa.

Ainda diria que a história oral é a mão que trança os fios de cabelos, nesse caso teoria e dados empíricos. Ou ainda usaria a metáfora de Errante (2000) que sugere a memória como dependente da história oral e parafraseando Fentress e Wickman(1992) definindo-as como uma rede para pegar borboletas. A rede que a autora sugere é no intuito de pensar narrativas que se compõem através de memórias individuais, coletivas e sociais, ou seja, fatos históricos, ocorridos que não presenciamos histórias de gerações para gerações que reproduzimos e constitui nossa trajetória. Pollak (2000) explica também que “é perfeitamente possível que por

meio da socialização política, ou socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção e identificação com o passado” (p. 3).

Ao narrar um acontecimento, nos constituímos, construímos uma ideia de quem somos, de como nossa família percorreu os caminhos e como nós nos situamos em tudo isso. A narrativa que verbalizamos não é estática, se modifica de acordo com as circunstâncias do presente. Modifica nossa realidade e ao transformamos parte de uma realidade podem acontecer distorções, interpretações das experiências vividas. Isso ocorre pois a fala é suscetível às vicissitudes e a de cada momento (Almeida, 2007). Essa transformação passa por nossa percepção, nossos olhares, aquilo que nos marca e também nosso significado no momento em que vivemos. Errante (2000) complementa dizendo que “nas histórias orais, o público para o qual narrador direciona sua história é imediato interativo.” (p. 143) Ou seja, o lugar em que narramos, as circunstâncias em que estamos e o modo em que somos interpelados interage com a narrativa criada. Essa afirmação pode ser dita, pois “memória não é simplesmente o exercício de lembrança” (p. 143), memória é uma reconstrução, é reviver, é a constituição de nossas identidades, é a interpretação do que não compreendemos em nossa trajetória de vida, pois lembrança aborda apenas uma dessas dimensões que a memória ocupa.

Entre as dimensões que a memória ocupa, podemos destacar o esquecimento, Errante (2000) afirma que “nossa memória permite tanto lembrar como esquecer. A qualquer momento, nós podemos lembrar, esquecer e reinventar certos aspectos do nosso passado pessoal e coletivo”(p. 162). Isso ocorre, pois cada uma das memórias, sejam elas coletivas ou individuais, parece querer validar aquilo que mais significou, a experiência que mais presente está, o momento que mais se encaixa em nossa trajetória. Mas, apesar de não podermos resumir memória ao conceito de lembrança, é através do lembrar que entendemos e nos apropriamos de nossas histórias. É a lembrança que remexe o rio da memória e deixa águas turvas, é a lembrança que evoca passagens da vida. De acordo com Almeida e Bergamaschi (2012) personagens de nossa história que surgem e que depois de um tempo ficam só no âmbito da lembrança. Narrativas que nos identificamos e caminhadas que promovem nosso crescimento e aprendizado. Por isso, memória não é só lembrança, faz parte de uma identidade. Errante (2000) diz que “na dinâmica das histórias coletivas e pessoais, emergem a voz e a identidade”. Pollak (2000) ratifica “a memória pode fazer parte da família com tanta força [...], que se transforma praticamente num sentimento de pertencimento” (p. 3). Ou seja, os fatos que nos interpelam são muitos, recontar também é entender e as histórias e

sentimentos que atravessam nossas lembranças são nossas construções. Nóvoa (1992) diz que “A identidade é um lugar de [...] espaço construção de maneiras de ser e de estar” (p. 15).

Identificar-se, pertencimento, experiências, identidades, memórias sociais, individuais, coletivas... são os muitos fatores que compõem nossa maneira de ser, de agir, de pensar, e, é claro, de ser professor. Uns afirmam que essa discussão se pauta na inexperiência, outros defendem que memórias marcam, subjetivam e apresentam maneiras de ser. Ao longo de minha trajetória na graduação, ou seja, no período que iniciei tomar consciência de minha formação docente, percebi, reafirmei e hoje na sala de aula entendo que a ação docente é interpelada pela memória. Dá para perceber que estou no *time* daqueles que acreditam em memória e ação docente. Como diz Nóvoa (1992) “Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências ‘marcam’ a nossa postura pedagógica” (p. 16). Portanto, podemos dizer que é plausível pensar em ações que nos identificamos e ações perpassam nossa maneira de ser, expressar?

Penso que sim! É uma construção através de gostos, preferências, desejos, objetivos pedagógicos. Fazemos em aula assim ou de forma diferente, porque nossa organização dessa maneira contribui para nossa didática. Nossa rotina dirige nossos alunos, movimenta a sala e nosso modo de ser constitui como uma “segunda pele profissional”. (NÓVOA, 1992, p. 14) Não deixamos nossos gestos em casa para trabalhar, nossos trejeitos ou o que pensamos. Não é uma profissão de mera execução e cumprir tarefas. É uma profissão que mexe com nossas ideias, que faz repensar nossas escolhas, trabalhar nossas fraquezas, fortalecer nossas qualidades. É uma profissão em que se “cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar nossa maneira de ser” (NÓVOA, 1992, p. 14).

A escrita precisa destas leituras, a afirmação dos autores mostra minha *empíria científica*, mas não foram só essas leituras que me instrumentalizaram, prefiro acreditar que foi um caminho seguido, uma trilha que fui percorrendo através do repertório que construí ao longo dos anos de estudo na Faculdade de. Enquanto fui aluna da FACED, experimentei diferentes atividades de pesquisa, ensino e extensão, li muito, ouvi professores, nas práticas e no estágio, presenciei cenas em escolas que me fizeram refletir, remontei planejamentos de aula que não se adequaram à turma, vivi momentos como aluna que me inquietaram e uma série de outros momentos em tantos espaços que nem minha memória nem pode dar conta. No entanto, tenho uma certeza todos esses espaços e momentos citados são importantes, essas afirmações são necessárias, as deixo na construção do trabalho, pois memória além de empíria, ciência e aprendizagem, também é sentimento e emoção.

## 4 TESSITURA METODOLÓGICA

Neste espaço, pretendo explicar o percurso da pesquisa e como foram construídos os documentos orais. Assim, a pesquisa com memória apoiada metodologicamente na história oral desacomodou essa que aqui escreve, pois faz pensar, a mente se envolve, o pensamento muda, a escrita cresce, o coração se desvenda e as ideias se remontam. Por esses e muitos outros fatores é que a metodologia de pesquisa não conta apenas isso, mas não retira essas questões tão importantes e essenciais em um trabalho empírico. Ou seja, a narrativa de nossa trajetória durante pesquisa é tão importante quanto os autores que embasamos nossas escolhas metodológicas.

Ao pesquisar, damos significado a algumas questões e o estudo desenvolvido se constitui a partir de nossos *papiros* /documentos. Escrever não é uma tarefa simples. Escrever exige o encontro de aquilo que sabemos, o que nos apropriamos e parte do que representamos em ideias, escolhas de autores e escolhas metodológicas. Segundo Almeida (2001, p. 4) escrever e pesquisar são atividades envolventes e solitárias. É durante o processo da pesquisa que se constroem fortes vínculos entre escritor, o texto e as pessoas que os acompanham nesta caminhada. Ao expressar esse sentimento através da autora, me lembro que, apesar de toda essa “harmonia conflitual”, parafraseando Mafessoli (2009), presenciamos e constatamos uma série de fatores que nos envolvem, nos apoiam durante as escritas e trabalhos. Nos apoiamos em familiares, nos apoiamos em orientadores, em colegas, em experiências, em narrativas, enfim, em nossas vivências e as dos outros. Por isso, não posso dizer apenas a parte empírica, preciso articular com o coração, com os nossos sentimentos ao longo da pesquisa.

### 4.1 NO INÍCIO...

Ao iniciar o trabalho de conclusão, pensei o que queria para essa pesquisa, que assunto me despertaria, que temática me tocaria, me *moveria*. Pensei, pensei... até perceber que o tema desta pesquisa não surgiu agora, na verdade, de alguma forma me acompanha desde antes do estágio. Ao longo dos anos de estudos na Faculdade de Educação, nas aulas, no PIBID e, em especial, ao cursar as disciplinas de História de Educação, fui percebendo a importância em refletir sobre a formação docente. Aqui neste trabalho elejo a memória como documento e me proponho a adensar aquelas reflexões que se iniciaram há algum tempo.

#### 4.2 DAS ENTREVISTAS...

A intenção com essa investigação foi ir além de minhas memórias pessoais e investigar trajetórias docentes, no sentido de problematizar as interfaces entre memórias da educação desses sujeitos e seu fazer docente. Para tanto, escutei narrativas de memórias de três professoras, duas da rede pública estadual de Porto Alegre/RS e uma da rede pública municipal de Viamão/RS. Em comum, o fato das três atuarem nos anos iniciais de escolarização, embora com funções distintas, seja por meio da gestão ou em sala de aula. São pessoas com diferentes faixas etárias e diferentes tempos de exercício da docência. A escolha dessas professoras atendia a minha pergunta inicial de pesquisa que procura investigar memórias da infância.

Ao longo das entrevistas, essas professoras costuraram suas práticas pedagógicas atuais com suas memórias, evidenciando marcas de sua infância escolarizada. Assim, entre outras histórias, contaram um pouco daquilo que as constituiu como profissionais do ensino. Apresento, a seguir, um quadro elaborado a partir das escolhas que constituíram o roteiro de entrevista e resultado das narrativas realizadas. Nesse quadro apresento parte daquilo que percorri nessa pesquisa.

Nome <sup>5</sup>	Isolda	Graciema	Merion
Idade	27anos	34 anos	54 anos
Escolarização	- Magistério - Pedagogia FACED/ UFRGS	- Magistério - Psicopedagoga PUCRS - Pedagogia em andamento FACED/UFRGS - Mestrado (PPGEDU/ UFRGS) - Educadora popular pelo FERES	- Magistério - Pedagogia FACED/UFRGS
Tempo de docência	8 anos	10 anos	6anos
Trajetória profissional até o presente	- Professora da rede estadual em POA/RS - Professora da rede municipal de Viamão	- Psicopedagoga - Professora e vice diretora da rede estadual em POA/RS - Orientadora educacional em curso de pós graduação - Professora do Instituto General Flores das Cunha - Trajetória no GAPA - Militante da causa de	- Professora da rede estadual de Porto Alegre/RS

<sup>5</sup> É importante esclarecer que os nomes das entrevistadas são fictícios e tem por objetivo representar os sujeitos que dialogaram com os questionamentos iniciais durante a pesquisa realizada. A substituição dos nomes reais pelas representações ocorreu para homenagear três professoras do Colégio de Aplicação e da FACED e também sugestão da professora Dr<sup>a</sup>. Dóris Bittencourt Almeida, que organiza e participa do projeto Memória FACED/UFRGS. Isolda Holmer Paes, Merion Campos Bordas e Graciema Pacheco.

		gênero e sexualidade	
--	--	----------------------	--

Esse quadro ilustra um pouco da trajetória das três professoras participantes dessa pesquisa. Para realizar o estudo, promovi primeiramente a escolha dessas professoras, por meio de indicações. Para formalizar e desenvolver a pesquisa, realizei entrevistas semiestruturadas, dialogando com cada professora, permitindo-as evocar diversos sentimentos da infância escolarizada, assim como, momentos importantes da formação e trajetória docente.

Ao escolher investigar memórias docentes, percebi a importância da temática em questão, por isso, construí o roteiro das entrevistas, não procurei evidenciar apenas aspectos das memórias da infância, busquei instigá-las a falarem também na perspectiva de formação docente para atingir meu objetivo e buscar esclarecer meus questionamentos. O roteiro da entrevista contemplou questões que compõem o quadro anterior e mais outras indagações que evidenciam os objetos escolhidos para evocar as memórias. Separei a primeira entrevista em três momentos: iniciei com as informações pessoais; questionei as entrevistadas acerca da escola do seu presente e, no terceiro momento, tinha como objetivo que discorressem sobre a escola do seu passado.

Ao realizar a entrevista nesta configuração, sem me dar conta, evoquei mais as memórias de formação, e, por fim, quando cheguei na questão sobre as memórias de infância, percebi que as entrevistadas estavam cansadas. Minha pergunta inicial de pesquisa “as memórias discentes ecoam no fazer docente?” fora respondida parcialmente. Ficaram questões em aberto e assim constatei que uma entrevista foi pouco para aprofundar os temas que desejava. Por esses motivos, desenvolvi um segundo roteiro e um segundo momento de entrevistas. Desse modo, foi possível realizar com duas entrevistas maior imersão no tema da infância.

Pesquisar e revisitar a infância e, em especial, a trajetória de escolarização, não é tarefa fácil, envolve disposição, entrega e permissão daquele que narra sua história. Para estimular e provocar as memórias, na primeira entrevista apresentei um baú com objetos escolares. Esse baú dialoga com o sentido que Errante (2000) enfatiza “memória não é simplesmente o exercício de lembrança”. Essas constatações foram realizadas a partir de leituras que escolhi, da compreensão pelo outro e empatia por aquele que abre sua trajetória diante de um pesquisador. Essas constatações reforçam o que aprendi ao longo da pesquisa, as memórias não são espontâneas, é importante o uso de evocadores e parafraseando Zago

(2003) podemos adequar a pesquisa, mas é muito importante respeitar a regra e princípios éticos, bem como assegurar que aproximemos da realidade que estamos inseridas.

Então, para provocar que falassem sobre memórias, usei na primeira entrevista um baú<sup>6</sup>. Nesse baú, há diferentes objetos da cultura escolar de outros tempos, e deles selecionei apenas alguns, motivada por minha subjetividade. Assim, destaco os artefatos escolhidos. Primeiramente, contemplei o simbólico através de uma palmatória, nem todos viveram este tempo, mas as professoras entrevistadas passaram pela formação da UFRGS e sabem que esse objeto exercia no século XIX, e talvez ainda no século XX, um papel de punição para manter a disciplina na escola. Na sequência, um caderno com escritos dos anos iniciais, tabuadas, um sino, que, muito embora não seja mais utilizado na maioria das escolas, representa a demarcação dos tempos da escola, das regras do cotidiano escolar. Bem, o baú que contemplava parte do roteiro da primeira entrevista, tinha uma função metodológica. Ao trabalhar e estudar memórias, percebemos que nossas lembranças são pontas de *icebergs* onde devemos vagarosamente aprofundando, adensando e evidenciando momentos de nossas trajetórias. No caso do baú, a função metodológica era evocar memórias da infância.

Para que falássemos mais da infância, na segunda entrevista, escolhi uma música pensando em cada professora que mais fizesse sentido com as narrativas já apresentadas. Devido ao tempo e disponibilidade das entrevistadas, realizei o segundo encontro apenas com duas delas e no segundo encontro, além da música, procurei instigá-las a falarem sobre o objeto ou foto solicitados anteriormente remetia a escolarização, nos dois casos não foram trazidos os objetos, mas não esqueciam de referi-lo e narrar um pouco mais de sua infância. Deixei mais duas perguntas que evocavam a infância escolarizada só por cuidado, se talvez a narrativa a partir de objetos não fluísse os questionamentos previamente selecionados ajudariam. Não foi necessário no caso da Merion, mas no caso de Graciema não conseguimos ouvir a música e se não fosse o objeto e os dois questionamentos talvez nosso momento estivesse perdido.

Na primeira entrevista, percebi diferentes comportamentos, uma narradora mais falante, outra mais quieta e a outra mais intensa em alguns momentos, mas todas falaram mais sobre sua formação docente e trajetória do que os momentos de infância. Ao analisar esse fato, vejo que duas possibilidades se somam e explicam o que ocorreu: no primeiro momento do roteiro, havia perguntas que contemplavam a formação, mostrei o baú no meio

---

<sup>6</sup> O Baú atualmente é utilizado pelo PIBID e pelos professores de História da Educação no Curso de Pedagogia. Importante destacar que os objetos que contem o baú são cedidos pela professora IVAINÉ MARIA TONINI da FACED/UFRGS.



da entrevista, depois das narradoras contarem boa parte de sua trajetória e formação, ou seja, estavam visivelmente cansadas, pois sabemos que revisitar a história vivida é uma tarefa que demanda esforço para lembrar e articular essas lembranças em uma narrativa temporal. Essa é a segunda possibilidade, e nenhuma elimina a outra, ao contrário, acredito que se complementem, não é fácil evocar o passado, seja porque em alguns casos é doloroso, ou porque não voltamos no passado se não é algo que nos toca sentimentalmente, ou seja, porque as memórias do presente estão atreladas aos momentos do presente.

O que quero expressar é que na primeira entrevista todas falaram mais do sentimento de ser professora no Brasil na contemporaneidade, falaram da sua caminhada até a docência, os momentos já vividos como docente, entre outras histórias que emergiram a partir das narrativas. E esse primeiro momento de narrativa foi tão intenso que apreendeu entrevistadora e entrevistada por quase o tempo total da entrevista. Quando aberto o baú com fotos, cadernos e muitos objetos evocadores, as professoras não falavam muito e acabaram em seguida sua narrativa.

Entretanto, na segunda entrevista pude notar que foi acertada a ideia de iniciar o encontro com uma música, relacionando com a conversa anterior e explicar que naquele momento o propósito era que falassem de sua infância a partir de um objeto que deveriam trazer que representasse esta época de suas vidas. Notei que houve uma entrega maior e abertura para falarem de momentos anteriores. Avaliando o encontro, vejo que as duas professoras que puderam fazer a segunda entrevista, conseguiram refletir sobre a infância com mais atenção.

Importa dizer que não foi fácil manter o tom da conversa durante toda a entrevista em um dos casos, o ambiente que estávamos realizando a entrevista, por exemplo, não propiciou evocar a infância de maneira tão simples. Digo isso porque as duas entrevistas foram realizadas no local de trabalho, ou seja, na escola em que atuam. Para Merion isso não foi empecilho, conseguiu rememorar a infância por mais de quarenta minutos. Já Graciema desviou o assunto e não conseguiu evocar a infância o tempo todo. Durante o encontro que aconteceu na escola, aconteceram duas situações que comprometeram um pouco a fecundidade da entrevista. Primeiro, por motivos alheios à minha vontade, não foi possível a escuta da música escolhida. Além disso, houve interferências, ela foi diversas vezes chamada por outras pessoas, afinal, sei que cedeu seu tempo precioso, pois é responsável pela gestão da escola. Entendo que se a entrevista tivesse ocorrido em outro lugar, talvez propiciasse melhor imersão.

Percebo, então, que o trabalho com memórias não é algo simples, ou seja, apenas com uma entrevista não é possível dar conta das questões da pesquisa. Relatar aspectos que mais tocaram durante a escolarização pode não ser um exercício cômodo aquele que narra sua história de vida, por isso promoveu-se a segunda entrevista. Dois encontros para fazer uma imersão na infância, dois encontros para provocar as memórias e, assim, retratar aspectos que não ficaram tão claros para pesquisadora. E, ao realizar a escolha por fazer duas entrevistas dentro do tempo hábil de um trabalho de conclusão de curso, é que me deparei com dificuldades concretas, como os horários para sentar e dialogar, e, posteriormente, a tarefa de transcrever cada entrevista e esse foi o momento mais complicado.

Posso separar a entrevista em vários momentos. Enquanto preparamos os roteiros, escolhemos materiais para evocar as memórias, é a primeira etapa do estudo. O que pensamos, como pode ser, como pode ocorrer a expectativa alimenta, nutre o trabalho, ajuda a leitura de autores e imaginamos várias questões. Isso para uma jovem pesquisadora como eu é um momento bem envolvente. Mas não tanto quanto as entrevistas que ocorreram.

Essa é a segunda etapa. O olhar da entrevistada, o posicionamento que muda ao falar de um momento vivido, a sensação de me envolver com memórias parecidas às minhas, a melhor risada que a entrevistada de quando se lembra de algo engraçado, são muitos momentos que posso descrever durante a realização da entrevista, e, posso afirmar, isso tudo empolga, anima e alimenta teoricamente. Você lê os autores e vai identificando as narrativas, pensa, por exemplo, que pode fundamentar com Pollak, assim, articulando teoria e empiria, porque no momento que fala remete a ele, é um misto de sentimentos, estudos e muito inspirados, mesmo que no tempo hábil de um trabalho de conclusão de curso.

A terceira etapa é a transcrição das entrevistas. Aqui acontece uma situação paradoxal, pois a fala precisa se transformar em escrita para que possamos analisá-las. Em geral, não se tem ideia de quanto tempo leva para transcrever. É tarefa penosa, mas necessária, ela permite que a pesquisadora se aproprie ainda mais de sua empiria. E é ao analisar as narrativas de memória que percebemos seu significado

Pensar que você não lembrava e a entrevistada respondeu uma pergunta como nem imaginava que ia ser, a narradora superou suas expectativas. É na quarta etapa é o momento de (re)elaborar o roteiro e também nossos questionamentos, portanto vale o conselho, não delegue, não transfira, nem passe adiante, essa parte ela é de suma importância, pois somente a leitura da entrevista não fará sua fundamentação ser tão importante em sua fala no trabalho.

Posso dizer que há mais duas etapas neste tipo de estudo, a quinta é a análise e posso intitular as demais entrevistas como a sexta etapa, pois é a partir da análise e leitura da

entrevista que surgiu o segundo momento de diálogo com as narradoras. Mas essas duas etapas são importantíssimas, a análise é a alma do trabalho, e a entrevista complementar pode ser a resposta que estava faltando em seu trabalho. Avalio a importância de todas essas etapas, insubstituíveis e entrelaçadas, e sem uma delas o pesquisador não terá a apropriação do material empírico de seu estudo.

#### 4.3 DEVOLUÇÃO POR E-MAIL E AUTORIZAÇÃO DO TEXTO

O processo de devolução de entrevistas qualifica, corrobora e enriquece nossos estudos, pois ao devolver a entrevista e, no meu caso foi por e-mail, parece que mantinha um diálogo após a entrevista. Essa é uma parte de nossos estudos muito importante, mostra o que foi transcrito estabelece, o que foi dito, é uma relação ética na pesquisa devolve toda a confiança que os sujeitos da pesquisa depositaram em você ao aceitar dialogar com o trabalho proposto.

Em alguns casos, as professoras não entenderam que minha transcrição literal era uma escolha metodológica, e embasada nos autores, pois não leram o mesmo que eu e se apropriaram deste assunto de maneiras distintas. Por isso, me retornaram as entrevistas corrigidas, perguntavam através de e-mails o que seria feito e se impressionavam com as repetições de suas falas. Quem estuda memória sabe que, ao contar a própria vida há a tendência em narrá-la de forma linear. Talvez isso aconteça em função das aulas de História que tivemos em que nos apresentavam uma linha do tempo muito conhecida que divide a cronologia em pré história, época medieval, tempos modernos, entre outras etapas. Mas sabemos que no cotidiano isso não ocorre bem assim, não paramos um momento de vida pra viver o outro, não deixamos de ser filhos para nos transformarmos em esposos, esposas, ou outras tantas identidades que vamos assumindo. Isso tudo ocorre simultaneamente, de forma bem dinâmica e nas narrativas presenciamos, constatamos e visualizamos isso.

Ao devolver as entrevistas, nos deparamos com a importância que cada um dedicou ao tema em questão, uns mais sensibilizados e outros mais atarefados. Uns mais entregues e outros nem tanto. Mas sempre temos um retorno e uma análise a fazer. Neste campo do conhecimento, além de ético, imprescindível e uma de nossas tarefas como pesquisadoras e pesquisadores, devolver a entrevista não é simplesmente um ato de bondade e nossa obrigação como pesquisadores do campo da história de vida, de história de educação de homens e mulheres únicos e importantes em nossos caminhos trilhados como educadores.

## 5 O QUE DIZEM AS NARRATIVAS DE MEMÓRIA DESSAS PROFESSORAS...

Neste espaço, pretendo desdobrar algumas impressões do início da pesquisa, a proposta aqui é analisar as falas das três professoras, extraídas das narrativas de suas memórias que desempenham seu trabalho nos anos iniciais, seja por meio da gestão ou por meio da sala de aula.

As narrativas destas docentes evidenciaram memórias de educação que corroboraram com minha questão de investigação: “as memórias discentes ecoam no fazer docente?”. Agora, vejo que as professoras, sujeitos dessa pesquisa, foram além desta indagação. E essa constatação surge no estudo permeada pela memória, pois, a partir deste estudo, percebo que vislumbramos um objetivo no início da investigação, mas o que foi traçado ao longo das narrativas expandiu horizontes. Inicialmente, minha intenção era saber se as professoras no exercício da docência eram interpeladas pelas suas memórias de educação. Questionei se as escolhas cotidianas em sala de aula são pautadas em parte pelo modo como fomos educadas, ou seja, há uma tendência em reproduzir o que vivemos na infância? Somos constituídos pelas memórias e por isso atuamos de determinadas maneiras? Pensei nessas questões, pois foram situações que ocorreram comigo durante o estágio docente e nesse sentido fui escutar outras professoras. A partir da observação das primeiras entrevistas, percebi que a constituição de nossas identidades docentes e nossas atuações em sala de aula são interpeladas sim pelas memórias, no entanto, não se restringem ao que vivemos em nossa escolarização formal. Basta analisar a fala a baixo...

Meu pai era agricultor, plantava arroz e alfabetização foi em casa nessa granja onde nós morávamos. Depois minha mãe e meu pai foram morar na cidade, pois antes morávamos no interior, na granja mesmo. Então a granja era um núcleo de casa com um pessoal que trabalhava na granja plantava arroz colhia, era o pessoal que arrumava as máquinas. Então era mecânico, era capataz que cuidava, era meu pai que plantava arroz nós morávamos ali e minha mãe era que dava aula pras crianças inclusive pra nós. (Merion)

Neste trecho, Merion retrata um contexto de uma entre as muitas experiências de vida que a constituiu como educadora. Parece que a formação docente vai muito além dos livros e instituições que frequentamos. Digo isso, pois, ao falar de sua alfabetização na infância, evidencia o modo que a comunidade estava organizada, como a alfabetização foi conduzida e como sua mãe trabalhava na comunidade.

No decorrer da entrevista, refletiu sobre os significados da profissão de professora, falou sobre as particularidades de cada sujeito em sala de aula, sobre o quanto os alunos em qualquer faixa etária merecem nossa disposição e dedicação. Ela centrou-se no presente, mas fez interlocuções com o passado, lembrando de momentos saborosos da infância, memórias que a fizeram a pessoa e educadora que é. Então, percebe-se que é interpelada em sala de aula pelas experiências que viveu no período em que sua mãe a alfabetizava em uma escola multiseriada. Outra frase que me marcou diz:

(...) as relações de amizade, o contexto onde a gente vive né?! Isso nós forma, isso se reflete eu acho sim, na nossa profissão. Por que nossa profissão é isso, a gente trabalha com sentimento.

Essa fala evidencia que os espaços de formação são muitos e que a trajetória da professora é permeada de pessoas e momentos significativos. E se muitos momentos de formação são em espaços distintos, podemos sim pensar nas possibilidades de atuação docente guiadas por memórias de educação. Essas memórias são mais explícitas nas situações de conflitos, de atuação intuitiva, de organização em sala, escolhas pedagógicas, entre tantos outros momentos que podem ser percebidos nas entrevistas.

Realizar as entrevistas foi uma experiência emocionante, pois remeteu a muitas memórias comuns entre entrevistadora e entrevistadas, revelou ideias de educadoras que me impressionaram e fizeram respeitar, me enriqueceram, pois aprendi muitas coisas em relação à formação docente e me surpreenderam, por ir além do que esperava. Meu intuito de trabalho era buscar memórias e acabei encontrando *tesouros dentro de baús* que revelaram muito mais do que almejava. Neste sentido, Merion revelou que durante sua infância morava em uma casa açoriana, onde havia janelas grandes que pareciam portas. Essa lembrança foi tão significativa, que após um tempo, durante a escolarização fez uma redação onde explicava qual era a janela de sua vida e a memória que evocou foi tão intensa que a premiação da escola foi pra ela. Ao narrar esse fato, seu olho brilhou, minha admiração por sua história aumentava e meu apreço pelo tema da memória também.

Portanto, nesse capítulo, veremos eixos que contemplam as recorrências e dissonâncias das narrativas de memória e também as marcas da escolarização, pois a partir delas constituímos muito do que somos como professoras.

## 5.1 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Durante as entrevistas, fui percebendo que as narrativas apresentaram mais distanciamentos do que aproximações. Essa evidência parecia não contemplar a pergunta inicial de pesquisa. Primeiramente, pensei que não conseguiria responder a questão que propus, mas, ao analisar o que diziam essas professoras, constatei que as impressões iniciais se deviam ao fato das entrevistadas terem ido além das expectativas.

Penso em várias explicações para este fato: o primeiro e mais importante, ao falar sobre si, cada professora mergulhou nas suas memórias e, assim, foi além das questões propostas nos roteiros. Importa dizer que essa não é uma prerrogativa exclusiva desta pesquisa, mas para mim, jovem pesquisadora, foi uma surpresa; segundo, provavelmente por cada uma delas estar em uma etapa de vida diferente, isso também influenciou nas narrativas. Ao iniciar a pesquisa, imaginava que a mais jovem lembraria da infância com mais facilidade, no entanto quem adensou suas memórias de educação na infância foi Merion, a mais velha. Talvez isso demonstre as diferentes interpelações ocorridas durante o percurso até a docência, ou o local da entrevista, ou também sinalizem caminhos da pesquisa. Essas são primeiras impressões construídas à medida que as histórias iam sendo narradas e compartilhadas comigo.

### 5.1.1 A escolha pela docência

As três entrevistadas são formadas no Curso de Pedagogia da UFRGS. Entretanto, cada uma decidiu pelo curso em diferentes situações, mas todas, de alguma maneira, escolheram o Curso porque suas trajetórias as conduziram nesse sentido. Isolda fez uma promessa de formar-se como professora, pois um membro da família estava doente; Graciema escolheu a carreira de docente, pois se encantou com uma professora que ministrava a disciplina de Didática Geral no Curso de Magistério e buscou a Pedagogia para ter a titulação exigida a assim atingir seus objetivos profissionais. Já Merion fez uma escolha tardia, primeiro cuidou dos filhos e só um tempo depois retomou suas intenções profissionais. Assim, percebe-se que não houve uma naturalização na escolha pela docência e nem mesmo a tão falada *vocação* ideia atualmente criticadas pelos teóricos da educação reverbera nessas narrativas docentes.

Um dos casos que mais me chama a atenção é o de Isolda, pelo fato da escolha pelo magistério dever-se a uma promessa de cunho religioso. Se a saúde de sua mãe melhorasse, faria o magistério junto ao ensino médio. Lanço apenas reflexões no intuito de pensar por que a dívida da promessa deveria ser paga com a escolha pela docência? Ser professora seria uma espécie de penitência para essa jovem. Aqui é possível dialogar com o campo da História da Educação, pois, durante muito tempo a profissão de professora esteve fortemente vinculada a um tipo de missão ou sacerdócio<sup>7</sup>. Há duas questões importantes que se pode destacar a partir da entrevista, Isolda vem de uma família de professoras. Outra questão é que, em um primeiro momento, não desejava essa profissão, não era a opção que tinha em mente. Faço um exercício de descentramento e tento me colocar no seu lugar, penso que aos dezessete anos ou, menos ainda, aos quatorze anos, não é fácil tomar uma decisão dessas. Entretanto, não posso deixar de indagar: por que promessa para realizar o curso?, por que um viés religioso nessa opção? Quais os princípios que estão imbricados nessa promessa/penitência que lembra a *missão* de ensinar? Não faço isso como juízo de valor, mas no sentido de buscar compreender o que leva uma jovem a tal decisão nessa situação. Cumpre dizer que Isolda parece feliz com a escolha, deixa clara a intenção de ampliar seus conhecimentos com mestrado e doutorado e isso mostra a seriedade e escolha pela docência, pois na rede municipal em que atua o reconhecimento econômico e profissional se atinge apenas com uma graduação.

A escolha da Pedagogia é algo que *te pega*, por que optamos pela docência? Quando estamos no início do curso, essa pergunta começa a aparecer. Comumente, oferecemos respostas imediatas, por vezes só para satisfazer a nós mesmos. Não obstante, ao longo do curso e, muitas vezes, ao longo da trajetória de professora, essa escolha emerge como um sentimento mais claro, vai sendo construída, entendida, pois a identidade docente é uma construção ao longo de práticas, experiências e vivências docentes na instituição escolar e fora dela.

Assim como nosso trabalho em sala vai constituindo que tipo de professora somos, percebemos que as interações entre família, vida escolar e trajetória de educação estão imbricadas e fazem parte de nosso profissional. E para escolher qual a área de atuação também somos interpeladas por muitos componentes. Exemplo disso é quando ouvi Merion demonstrar pouca clareza nas suas escolhas, diz assim:

---

<sup>7</sup> Sobre este assunto, ver LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Na minha época, no quarto semestre tu optava por uma ênfases, neste caso Educação Infantil ou Ensino Fundamental, atual anos iniciais e ... aí eu me lembro que em dúvida optei pelos anos iniciais, acredito que tenha uma amplitude maior. Assim, posso atuar lá do primeiro até o quarto anos, digamos então eu fui por isso né.

Acredito nessa escolha de ampla oportunidade de mercado, acredito na escolha a partir de uma condição profissional. Não a descarto, mas mesmo que ela não perceba exatamente por que escolheu anos iniciais e, principalmente, alfabetização, a partir de sua narrativa pude perceber o quão foi significativo e saboroso o seu período na infância. Após o tempo de oitenta minutos discorrendo sobre formação e infância, Merion mostrou um cenário de escolarização na alfabetização muito intenso e marcante, hoje estuda essa temática e encaminha suas pesquisas pra alfabetização.

Desse modo, é possível dizer que a escolha profissional é permeada por mais de um motivo a intervenção da família como mostra Isolda, as trajetórias até retomar a escolha profissional como Merion e no caso de Graciema por inspiração de outra professora. No Curso de Pedagogia há um motivo forte de escolha que por vezes não é claro, escolher ensinar não é algo natural, escolher a profissão docente não é algo vocacional, na verdade essa escolha tem muito a contar sobre nós. É claro que isso não é uma prerrogativa da profissão de professora, a escolha por um ofício diz muito sobre o sujeito.

Penso em Merion, será que sua escolha então por ensinar no primeiro ano não pode ser relacionada às suas vivências? Sua escolarização e experiências pregressas podem compor essa escolha na área de atuação? Será que o caso de Isolda a representação de uma promessa, a intervenção da família nós suscita quais conclusões?

### **5.1.2 Lembranças De Infância**

Conforme discuto no capítulo três, o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” nossa postura pedagógica, ou seja, guiam o trabalho em sala de aula. (NÓVOA , 1992, p. 16 ) Mas, até que ponto a atuação pedagógica é interpelada pelas nossas experiências e memórias da infância? Em uma fala da Graciema, na primeira entrevista, diz ter passado por maus bocados em sua escolarização inicial.

... a minha trajetória de escolarização básica anos iniciais ela não foi tranquila, eu era um criança gorda e eu sofri muito na escola por conta disso, que eu a minha educação foi um caos...



Graciema relata momentos de sofrimento, permeados de sentimentos de angústias diante dessa discriminação, por esse motivo sua postura como professora é jamais permitir qualquer forma de exclusão. As memórias emergem na atuação docente juntamente com o repertório de estudos que acumulamos ao longo da vida profissional. Aqui cabe uma problematização: quando Graciema posiciona-se contra qualquer forma de segregação na escola, ela vale-se mais de suas memórias ou de sua formação pedagógica?

Na segunda entrevista, ao retornar a esse tópico da escolarização, perguntei a Graciema como administra situações de preconceitos especialmente na escola, sendo que as viveu durante a infância e juventude. Ela respondeu que ao longo de sua trajetória se deparou com muitas situações de discriminação. Durante o magistério, teve professoras que a repreenderam pela forma que se vestia, considerada inapropriada à profissão, isso a entristecia da mesma maneira que quando era chamada de *gordinha*, prefiro dizer fora do padrão social de corpo que se pensamos que seja mais belo.

Esses dissabores de sua escolarização a fazem ser firme contra preconceitos de todos os gêneros, de se posicionar politicamente, e isso provoca efeitos positivos na sua atuação docente. Pois, ao estudar questões de gênero e sexualidade, sua leitura desses assuntos representa muito mais que um texto, representa vivências negativas de ser discriminada por um padrão social imposto pela sociedade.

Como comparar o início da escolarização tão difícil de Graciema à de Merion? Esta professora viveu sua infância em cidades pequenas do interior, a mãe era professora, o pai agricultor, não tinham sua própria terra, por isso a família era obrigada a mudar de cidade e, conseqüentemente, Merion precisava mudar de escola. Um momento em que isso se explicita é quando diz:

Uma situação em que nos morávamos em outro lugar, porque como meu pai não tinha terras, ele não era proprietário. Por isso, alugava, se chama arrendamento. Então ele alugava, plantava e com o dinheiro que recebia da plantação depois, ai ele pagava pro dono da terra. Assim nos vivíamos mudando de terra né! porque chegava uma época que o dono não queria mais! Ou, tinha alguém da família que ia plantar lá, e meu pai saia ia procurar outro lugar.

Aqui nota-se a percepção de Merion de sua infância, a percepção das dificuldades familiares, seguidas por angústias ao ter que mudar de um lugar ao outro e começar a vida *do zero* novamente. Assim, enfrentou situações semelhastes às de Graciema, sofreu

discriminações, hoje conhecidas por bullying<sup>8</sup>. Nessa fala pode-se perceber mais dos dissabores da escolarização de Merion

... um lugar totalmente desconhecido e nos não conhecíamos ninguém! Lembro que o período de adaptação foi muito complicado eu chorava muito, vivia reclamando que as meninas de minha sala puxavam meu cabelo chegou um tempo que eu não queria vir mais de chiquinhas! Minha mãe fazia duas chiquinhas no cabelo e eu não queria mais vir de Chiquinha! Porque elas puxavam meu cabelo, eu me escondia no recreio fugia delas, então foi período bem complicado assim que eu lembro até hoje...

O que dizer sobre as lembranças de escola de Merion? Percebe-se a escola como um lugar ruim, de sofrimento, de não aceitação. Essas falas de Merion e Graciema explicitam memórias que quebram com o estereótipo da escola como um lugar perfeito de alegrias, lugar onde todos se integram, incluem e socializam. Será mesmo?

De alguma forma, consegui cruzar alguns dados, aproximar histórias, mas em uma das entrevistas houve silenciamentos e ausências. Como não foi possível um segundo momento de conversa com Isolda, não consegui adensar as memórias da infância, por isso foi mais difícil comparar suas lembranças com as de Graciema e Merion. Em relação ao tema da infância, Isolda foi uma voz dissonante, diz ter sido uma criança tranquila, que guarda ótimas lembranças de seus professores, que teve boletins recheados de boas notas, que estudou sempre muito bem. Entretanto, senti falta de escutar outras histórias de sua infância. Em alguns breves momentos pude capturar memórias, mas seu jeito de ser é mais calado e, ao desligar o gravador, senti como se fluísse muito do que não foi dito durante a entrevista.

Com o intuito de provocar suas lembranças, decidi falar um pouco sobre minha história, comentei que meus primeiros anos de escolarização foram tranquilos, mas depois, no terceiro e quarto anos, o afeto, a compreensão do professor a se perderam. Aí lancei a pergunta a Merion de por que na alfabetização podemos relacionar momentos belos e saborosos, enquanto que na escolarização a partir do segundo ano percebemos mais rigidez dos professores e colegas. Assim, ela comparou à sua escolarização afirmando que:

...pra mim também! O início assim, eu lembro de coisas melhores que me marcaram mais, mas assim uma das coisas que eu lembro que eu não gostava quando eu estava na primeira e segunda série, uma vez a minha mãe foi chamada porque eu era muito quieta a única coisa recordação ruim que eu tenho sabe que

---

<sup>8</sup> Uso dessa terminologia, pois é utilizada pelas duas entrevistadas e por isso a cito neste momento.

minha mãe chamada e ‘não ela tem algum problema’! não é normal ela é muito quieta (...)

Então o relato de dissabor da infância de Isolda foi essa recordação. Durante a entrevista, tive a todo o tempo que instigá-la e manter muitos questionamentos que extrapolavam o roteiro, pois seu jeito calado não propiciava continuidade ao diálogo.

Algumas frases que me impactaram, foi quando a Graciema disse: “Sofri muito na escola por conta disso...”. Nesse momento, falávamos o quanto ser gordinha a fazia destoar, o quanto estar fora do padrão a fazia excluir-se do grupo, e em seguida afirmou “O que vivi não quero que passem...” Ela reforça que essas memórias de infância não quer que outras crianças passem, e se constituiu como docente através desses fatos.

### 5.1.3 A Escola do teu passado:

Ao trabalhar na perspectiva da história oral temática (FISCHER, 2009, p. 69), percebemos quão é importante um elemento evocador para assim desenvolver o material empírico de estudos. No momento da entrevista, em que lembranças de infância foram indagadas, escolhi uma música que identificasse a cada entrevistada. Como já havia um primeiro contato da primeira entrevista, busquei canções que mais combinassem com cada uma das entrevistadas. No caso de Isolda, mesmo que não tenha acontecido o segundo momento, escolhi a música *Minha Vida interprete Rita Lee*<sup>9</sup>, pois ao ouvir os versos *As histórias, os caminhos, os destinos que eu mudei*, me recordava que Isolda tinha a profissão escolhida através de uma promessa e hoje ela se dedica essa profissão. No caso de Graciema, escolhi *Redescobrir interpretada por Elis Regina*<sup>10</sup>, pois ao pensar na “na brincadeira de roda” que a letra sugere, me despertou o momento em que disse ter retomado a profissão docente devido a exigências profissionais. Embora a escolha tenha sido realizada, não foi possível no segundo encontro ouvir a música, portanto a segunda entrevista não revelou tanto da infância como Merion. Para Merion, foi utilizada a canção *Tocando em Frente*<sup>11</sup> interpretada por Almir Sater. Identifiquei muito a Merion nessa música, pela sua experiência, por ser a mais velha, pelas escolhas, pela calma e como diz a música “ando devagar, porque já tive pressa”. Merion disse em sua primeira entrevista escolher a profissão e cursar a faculdade de Pedagogia, pois era uma escolha, um caminho que havia redescoberto e porque

<sup>9</sup> Música de Lennon e McCartney.

<sup>10</sup> Música composta por Luiz Gonzaga.

<sup>11</sup> Música composta por Almir Sater e Renato Teixeira.

sempre que sentava em nossas entrevistas falava pausadamente, diferente das outras duas entrevistadas, que sempre tinham muitos compromissos esperando. “levo esse sorriso porque já chorei de mais” Almir Sater diz isso na música e me leva a Merion novamente esse evocador a transportou direto ao tempo de infância aonde morava com seus pais, aonde sua mãe era professora numa escola multiseriada, aonde tinha uma casa que era construída por açorianos e aonde não havia preconceitos, exclusão e segregação pelo seu penteado, as chiquinhas

É importante salientar que apenas Merion conseguiu adensar suas memórias, pois escutou a música com calma, pensou e rebuscou suas lembranças. Com Isolda, nem ao menos foi possível a realização do segundo encontro. Graciema não conseguiu concentrar-se na canção, pois, naquele momento, dividia seu tempo entre a entrevista e um conselho de classe na escola em que trabalha. Assim, não foi um encontro pautado apenas na infância, desviou-se do assunto e voltamos a questões que a interessavam no presente, mesmo não sendo essa a intenção da pesquisadora.

Ao analisar as entrevistas, especialmente Graciema e Merion recordaram momentos difíceis vividos na escola, falam do quanto se sentiam inseguras na escola. Isolda revelou que ao ser uma criança quieta, sua mãe era chamada por vezes e as professoras questionavam se ela sua “quietude era normal”. Mesmo que seus boletins recheados de boas notas e que estão com sua mãe até hoje o comportamento quieto de Isolda incomodava os professores.

Só que nesse momento é que memórias de educação borram os dissabores da instituição escolar na infância. Merion relata momentos culturais lindos em sua casa feita por açorianos. Diz assim

E... nesse outro lugar, na vila chamada Santa Isabel, foi uma vila construída pelos açorianos. Então as janelas, eram 3 janelas na frente, eram janelas que não tinham vidros! Era só madeira, ela fechada e abria com folhas de madeira e quando abria, era praticamente uma porta. Era muito alta a casa! E essas portas ficavam abertas pras ruas, tinha uma calçada que era uma extensão da casa. Eu lembro que ali nos fazíamos shows. Uma vizinha nossa que tocava gaita, o pai dela tocava violão, e quem não sabia cantar ou tocar um instrumento fazia teatro. Então a gente usava roupa do pai, da mãe, de tia e inventava uma peça de teatro e apresentava. Vinha todo o pessoal da vila sentava na frente, com as cadeiras, e nos fazendo teatro. Apresentando shows de música.

Merion explicita todo o prazer de seus aprendizados entre adultos e crianças, aprendizados que as fizeram gostar daquele local em que moravam, sabores que borram os puxões de seus cabelos na escola. Foi muito rico poder confrontar memórias de Merion com

as demais, pois ao ouvir a música, o evocador escolhido percebi que sentimentos da infância emergiram. Que momentos socialização vieram a tona, enquanto em outros momentos com entrevistadas os evocadores pelo impedimento de seu uso fez falta! Como por exemplo, não ouvir a música com Graciema. Talvez esse fosse o passo para ir em frente, para uma maior imersão em memória individuais e coletivas das mulheres entrevistadas.

Para ilustrar as semelhanças entre as entrevistas, posso dizer que os puxões de cabelo de Merion, em muito se parecem com a discriminação que Graciema sofreu ao ser chamada de gorda. O professor já mencionado por Graciema, o professor Umberto mostrava uma instituição, por vezes, desatenta com os enfrentamentos de Graciema e demais alunas, pois relatou que chorava copiosamente na escola. Com isso, demonstrava que aquele espaço não era acolhedor .

A escola do passado em muito se parece com a do presente, mas apenas ao revistar o passado podemos pensar que as entrevistadas proporcionarão momentos mais ricos, ficarão mais atentas a detalhes e poderão trabalhar com apropriação teórica se houver fatos semelhantes as suas vivências.

#### 5.1.4 A escola do teu presente:

Pelas narrativas das entrevistadas, podemos perceber que, mesmo com formação em Pedagogia, as três afirmam realizar práticas que condizem com as experiências e com as memórias negativas e positivas que tem da escolarização ou de sua educação em família. Até porque a instituição não dá conta de todas as esferas que a profissão de professora demanda, nossos livros, professores, cursos e experiências se fundem e é isso que gostaria de registrar, pois nossas memórias caminham junto a tudo isso. Em minhas primeiras atuações em sala de aula, percebi isso, mas acreditava que isso ocorria porque sou uma professora em início de trajetória doente. Ao longo das escutas, constatei que as práticas e intuições vão se modificando, ou seja, vão se lapidando, mas não se perdem as relações entre memórias e teorias, apenas se apresentam de forma mais clara e adequada a cada situação.

Graciema quando se depara em situações de preconceito devemos mostrar as possibilidades e confronto não é a melhor saída. Ou seja, ao vislumbrar preconceitos explícitos em sala, Graciema dialoga dando possibilidade de atuação. Exemplo disso, em uma das instituições que atua, ela se depara com futuras professoras com convicções religiosas que afirmam, por exemplo, ser o homossexualismo uma doença. Graciema, na entrevista, deu uma aula que levarei para minha vida, diz que temos que buscar aliados e mostra as docentes que por mais que não concordem elas cumprem um papel político e formam cidadãos. Explicita que a professora deve promover a diversidade, pois seu papel é político.

Aonde Graciema deverás aprendeu isso? Por que age assim... Ao longo de sua trajetória como criança escolarizada no ensino regular ela revela que

... Olha que loucura!/? Professor Umberto ele era seminarista e não pode ser padre porque era negro! Então ele trabalhava e morava na escola Assunção, nosso professor e naquela época uma pessoa fantástica, extremamente afetiva, uma pessoa muito boa, só que acredito que ele não tivesse tendo a percepção do que acontecia no espaço que ele não estava junto. Então assim nas aulas de musica, nas aulas de artes eu me lembro ate hoje de chorar muito nas aulas ,chorar de soluçar de estragar trabalhos...

Graciema explica que apesar de um professor fantástico, o professor Umberto não percebia preconceitos, atritos entre colegas chamando Graciema de forma pejorativa de gorda e outros problemas que ocorriam durante sua escolarização. Por isso, ao fazer trabalhos chorava muito, ao realizar atividades com músicas remetia momentos e esses sabores vividos durante a escolarização, devido ao desconhecimento do docente, também permearam sua formação enquanto professora, pois ao viver e sentir a discriminação enquanto professora usou disso numa perspectiva política em não permitir o preconceito.

Graciema, no Curso Magistério, se deparou com professoras que julgavam sua possível atuação docente pela maneira que se vestia. No entanto, é bem importante salientar que assim como Graciema ouviu professores lhe dizerem que não conseguiria, ela também escutou que tinha muito potencial, que conseguiria fazer um ótimo trabalho.

Quando Graciema fala desse professor, fala de maneira querida a respeito de uma pessoa que trabalhava em uma grande instituição e que, por vezes, não tinha o alcance de ver tudo. Acredito que o cuidado que manteve em relatar sua experiência negativa e ética de falar de um colega de profissão de maneira respeitosa não podem deixar de ser mencionados, pois, se Graciema se posiciona contra preconceitos e discriminações hoje, é porque sua trajetória de educação a constituiu assim.

A fala de Graciema com relação ao professor Umberto ilustra um pouco das aproximações evidenciadas nas entrevistas, não foi só ela que passou por momentos de preconceitos na escola. Graciema não foi a única entrevistada que falou de sabores na infância escolarizada. Pois ao realizar analisar as narrativas de Merion e Graciema, é possível inferir que se posicionam frente a situações de exclusão de maneira incisiva, considerando suas vivências discentes e docentes. Percebo que enfrentar situações de desconforto as constitui como docentes também. Merion conta que, no ano passado, tinha um aluno em uma situação na escola bem difícil, argumenta que tentou de todos os modos não permitir que esse menino escoasse pelas suas mãos, mas, apesar de seus esforços, ele acabou saindo da escola.

Merion mantém uma atitude de não conformismo, de insistir na permanência dos alunos na escola, desenvolve uma postura investigativa, que dialoga em diferentes realidades e busca apropriar-se da história dos discentes.

## 6 LEVO A CERTEZA , DE QUE MUITO POUCO SEI...

Hoje me sinto mais forte,  
 Mais feliz, quem sabe  
 Só levo a certeza  
 De que muito pouco sei,  
 Ou nada sei  
 (Almir Sater)

Ao longo da realização desta pesquisa, pude me aproximar efetivamente dos estudos sobre memória e história oral. Nesses quatro meses, foram muitas leituras, entrevistas, transcrições e tudo isso se apresenta aqui no trabalho de conclusão de curso.

Foram tantas as aprendizagens. Não posso deixar de pontuar o quanto as professoras entrevistadas se envolveram e se sensibilizaram ao serem provocadas a lembrar. Duas aceitaram participar do segundo encontro e a que não participou teve um motivo bem plausível, justificou e se sentiu comprometida, pois se pudesse o faria. As entrevistadas responderam as perguntas, por vezes não conseguiram trazer o objeto da infância que havia solicitado, mas não deixavam de citá-lo e narraram as lembranças que ele evocava. Olhares, emoções, sentimentos, expressões, tudo isso remeteu às minhas memórias, me envolveu como pessoa, não era apenas a jovem pesquisadora, não era apenas uma estudante em busca de resultados e dados. Olhos e rostos que mudavam ao longo da entrevista, posturas que me mostravam o quanto cada parte da vida das professoras significou. Dialogar na entrevista era essencial, seguir o roteiro também, mas sempre procurando criar um ambiente favorável à fruição da memória. Assim, respostas eram antecipadas, algumas questionavam um pouco mais, e tornavam a indagar. Desse modo, foram se construindo as narrativas que mostraram suas múltiplas identidades, envolvimento com a profissão, sabores e dissabores da vida que as constituiu e as transformou em quem são. Foram importantes todas as escolhas, perguntas e evocadores utilizados nas entrevistas. Tudo isso que fossem construídas as categorias de análises: a escolha pela docência, lembranças de infância, escola do teu passado e a escola do teu presente. É importante salientar que não houve uma simples coleta de dados para a pesquisa. Produziram-se intencionalmente os documentos, isso mostra que a pesquisa não é *algo natural*, ela é a resposta a uma pergunta científica que desvenda concepções teóricas e históricas que se apresentam no contexto.

Ao encerrar esta etapa da graduação e concretizar esse trabalho de conclusão do curso que me fez pensar, que desacomodou, indagou, acrescentou na minha trajetória profissional e pessoal e que tanto duvidei ser capaz é que me sinto mais forte. Digo isso, pois esse semestre de escrita me inspirou a trilhar um caminho que jamais pensei ser possível na pesquisa, na atuação e qualificação docente. No entanto, eu sei o quanto sou insipiente e preciso desses novos horizontes, pois ao ver que era uma completa estranha no início da graduação no assunto da memória e hoje me deparo com um mundo valoroso e me faz querer tecer esses estudos em detrimento de uma possível pesquisadora no campo da História da Educação. Neste momento me sinto feliz.



## 7 REFERENCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Memórias da Rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)*. Programa de pós- graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS), 2007.

\_\_\_\_\_. *Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós- graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS), 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista brasileira de educação, Belo Horizonte. v. 19, p. 20-28, jan./abr, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ERRANTE, Antoinette. *Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos*  
CINTRA, Simone C. S. ; ALBANO, Ana Angélica . *Memória e (re)criação na formação de professores*. Cadernos CEDES (Impresso), v. 30, p. 105-111, 2010. *de lembrar e contar*. In: *História da Educação*. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

FISCHER, Beatriz. *História oral & memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetória docentes*. In: FERREIRA, Márcia Ondina Vieira Ferreira. FISCHER, Beatriz T. Daudt. PERES, Lúcia Maria Vaz. (orgs.) *Memórias Docente: Abordagens teórico – metodológicas e experiências de investigação*, 2009.

HUBERMAN, Michaël. “O ciclo de vida profissional dos professores”. In: NÓVOA, A. “Vida de professores”. Ed. Porto. Porto. (2000). p. 31-46.

NÓVOA, António. *Os professores: Um “novo” objecto da investigação educacional?*. In: NÓVOA, António(org.). *Vidas de professores*. Porto: Editora do Porto, 1995, p. 11- 30.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

ZAGO, Nadir. *A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa*. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287 – 309.

Colocar referencias Guilherme araujo, musicas pibid e livros

<http://cienciaaabelha.wordpress.com/2009/11/04/maffesoli/> Mafessoli entrevista pode ser usado???

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### Roteiro da primeira entrevista

Nome –

Idade –

Escolarização –

Formação pedagógica –

Tempo de docência –

Trajetória profissional até o presente –

Algo da vida pessoal –

**- A Escola do teu presente:**

- o significado/desafios (sabores e dissabores) de ser professora hoje no Brasil

- por que decidiu por essa profissão?

- você já percebeu que a professora é um sujeito que permanece na escola?

- Como são as crianças que estão na escola? Compare com as crianças/ escola da minha infância e a escola que eu vivo hoje no cotidiano “do seu tempo”:

**A Escola do teu passado: - memórias de aluna/ infância dentro da escola:**

- Aonde estudou? Escolas?

- lembranças remotas: professores, colegas, rotina escolar, momentos alegres, momentos tristes, aulas que mais gostava, o que era lido, como eram os cadernos, os outros materiais escolares, o prédio da escola, a merenda, o recreio, uniformes, provas (avaliação), possíveis castigos, festas nas escolas, ...

### ANEXO 2

#### Roteiro da segunda entrevista

Músicas que vão compor o primeiro momento da entrevista

Minha Vida, Lennon e McCartney; Isolda

Tocando em Frente, Renato Teixeira e Almir Sater ; Graciema

Redescobrir, Luiz Gonzaga Jr; Merion

1º Momento ouvir música e falar quais as memórias que essas músicas evocam, há algum momento que lembre sua infância?

2º falar sobre o objeto ou foto (de sua infância de educação ou escolarizada) que foi solicitado por e-mail para a entrevista.

3º falar de um momento sabor ou dessabor da infância;

## ANEXO 3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Sob o título provisório "**MEMÓRIAS DISCENTES QUE ECOAM NO FAZER DOCENTE**", o estudo pretende iniciar a reflexão a partir de narrativas de três docentes da rede pública sendo que duas atuam na rede estadual de Porto Alegre/RS e uma no município de Viamão. Todas elas atuam nos anos iniciais, entretanto se encontram em diferentes faixas etárias. Esse estudo dará ênfase, às trajetórias das professoras, sujeitos que, tem uma escolarização pautada em tempos diferentes e vislumbram uma prática a partir de sua formação e sua trajetória e atualmente desenvolvem um trabalho com os anos iniciais.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

Este trabalho tem por objetivo atender a demanda do oitavo semestre do curso de Pedagogia/UFRGS de caráter obrigatório para concluir a formação docente.

As pesquisadoras responsáveis pela pesquisa são a aluna Maiara Michele Carvalho Correa e a professora Dóris Bittencourt Almeida, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3308-3266-Departamento de Estudos Básicos. Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

\_\_\_\_\_, Identidade n.º

\_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) "**MEMÓRIAS DISCENTES QUE ECOAM NO FAZER DOCENTE**" desenvolvida pela (aqui também primeiro tui) professora Dóris Bittencourt Almeida e aluna da oitava etapa do curso de Pedagogia Maiara Michele Carrvalho Correa, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores da Faculdade de Educação da UFRGS.

(  ) Solicito que seja resguardada minha identificação

(  ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

\_\_\_\_\_.  
Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

<p>_____, ...../..... de 2013.</p>	
<p>_____ _____ Participante da pesquisa</p>	<p>Pesquisador</p>